

Viva o incidente

A vida é permeada de incidentes. Muitas vezes começa incidentalmente ou acaba dessa forma. Porém, poucas são as pessoas que disso vivam conscientes e tomem proveito.

Não posso falar em incidentes sem me lembrar de nosso grande mestre Verissimo e de seu *Incidente em Antares*, já popularizado pela televisão. Para quem não conhece a obra: sete defuntos insepultos voltam à vida e, no coreto da pracinha de Antares, põem-se a julgar e denunciar os vivos, como forma de chantagem e protesto por não terem sido sepultados. A imunidade social que a morte lhes oferecia os transforma em pimenta nos olhos dos vivos. Suas palavras são podres como seus corpos – e como a sociedade em que viviam. E nessa condição putrefata, apresentam-se despidos de máscaras, prontos a denúncias que jamais fariam em vida. Mas isso é literatura, pura ficção (graças a Deus, suspirarão muitos).

Nestas vésperas de fim de ano, tempo propício para avaliações e estabelecimento de objetivos, deveríamos nos lembrar da obra de Érico Verissimo e, sem medo de incidentes, ressuscitar o que jaz em nossa vida involuntariamente, para depois poder enterrar, em definitivo, tudo que há tempo não cheira bem. Sabemos que, assim como os defuntos de Antares, o que é *errado e feio* deve ser sepultado, pois poderá causar incidentes abominados pela ordem social. E para isso, existem os túmulos que ela nos oferece: máscaras sociais, que na maioria das vezes, são mais horrendas e mal cheirosas do que aquilo que pretendem esconder. E nos transformam de diretores, a meros personagens de nossas vidas.

Incidentes conduzem a mudanças, que estremecem o comodismo responsável pelas máscaras que usamos. Se muitos de nossos objetivos são naturalmente modificados em função de incidentes que não podem ser evitados, por que não nos rendemos a eles?

Uma boa decisão para o próximo ano: saber lidar com incidentes, dimensioná-los aos objetivos que traçamos, dirigir nossas vidas sem medo de fantasmas, que quase sempre são inexistentes, e dessa forma, libertar-nos das máscaras que muitas vezes usamos sem saber. Caso contrário, corremos o risco de transformar nossa existência num grande e irreversível incidente, nada parecido com esse trecho genial do *Incidentes em Antares*:

“Você já pensou como nossa vida seria barata e sem sentido se a gente soubesse que não ia morrer nunca? Quando muito moço, eu me sentia como uma personagem que tinha entrado por engano em uma peça a cujo elenco não pertencia. Eu me movia num palco estranho sem ter idéia do meu papel, e tudo ao meu redor parecia impreciso, absurdo e relativo. Um dia, mais velho, decidi olhar a morte cara a cara ou, melhor, cara a caveira, e daí por diante passei a me sentir uma pessoa, um indivíduo real, concreto, pertinente e até cheguei a pensar com saudável petulância: se a morte é a única coisa absoluta da vida, por que não hei de fazer de minha existência também um fato absoluto?”

Todos sabemos que Antares não existe e que mortos não falam. É uma pena, talvez continuemos a festejar sucessivos Anos Novos com fogos, abraços, champanhe, lágrimas e muita hipocrisia.